



# DESPERTAR

BOLETIM RELIGIOSO DA IGREJA LUSITANA

Director — L. DE FIGUEIREDO

Redactores — A. FERREIRA ARBIOL — SAUL DE SOUSA

Redactor correspondente no Brasil — OCTACÍLIO M. DA COSTA

Redacção — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Administração — F. V. D' OLIVEIRA — Rua do 1.º de Maio, 54, 2.º — V. N. de Gaia

Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. — Vila Franca de Xira

## MENSAGEM EPISCOPAL

### Preparação para o culto

Rev.º Bispo D. Luís Pereira

**N**ÃO vamos referir-nos propriamente àquela preparação cuidada, reverente e ungida de oração, que constitui o elementar dever daquele que vai officiar no culto divino, seja ele clérigo ou leigo.

Embora essa preparação seja da maior importância, e condenável a improvisação que não seja motivada por causa imprevista, não depende só dela a espiritualidade dum Ofício religioso.

A razão disto é simples. Todo o acto de culto propriamente dito, é um acto colectivo. O nosso tipo de liturgia no-lo faz sentir, promovendo a participação de **todos os fiéis** de modo muito mais marcado do que o de qualquer outra confissão.

Nos vários ofícios e sobretudo na Eucaristia, o celebrante, seja ele um presbítero ou o próprio bispo, é expressão visível do sacerdócio espiritual de todos os fiéis e participante como eles, embora de modo diferente, do sacerdócio único de Jesus Cristo.

Daí a necessidade de cada fiel se preparar com todo o cuidado não só para receber o Santo Sacramento mas para desempenhar a parte que lhe compete em toda a **acção litúrgica**, isto é, **para dar** a Deus o culto em «espírito e verdade» que Ele procura e a que tem pleno direito.

Como deve ser feita a nossa preparação para o culto dominical? Essa preparação, de modo que podemos chamar remoto, é constituída pela vivência religiosa de toda a semana. Não julgemos que depois de seis dias sem leitura da Bíblia e sem oração, ou apenas com umas palavras murmuradas à pressa de manhã e à noite e às vezes a pensar noutra coisa, poderemos «entrar no Santuário» e encontrar realidade espiritual na Oração Comum do Povo de Deus. A «linguagem» do Santuário é como as línguas vivas: quando não as praticamos, primeiro deixamos de as falar, e depois de as entender.

Porém a preparação de que carecemos, tem também um aspecto que denominaremos **imediato**. A este respeito limitar-me-ei a três breves sugestões:

Deveremos, na noite anterior, ler cuidadosamente a colecta e lições do dia seguinte, como se tivéssemos que ir responder a perguntas sobre o assunto dessa leitura. Terminaremos com um bom exame de consciência, seguido de confissão de pecados e de acto de sincero propósito de emenda.

(Continua na pág. 10)

## EDITORIAL

A Igreja Lusitana, integrada nos princípios católicos da Igreja primitiva, não pode, de algum modo, deixar de se interessar pela evolução da Igreja em todo o Mundo. Assim não lhe foi estranha a morte do Papa João XXIII e a eleição do seu sucessor, o Papa Paulo VI.

Sentiu e chorou a morte do que foi um extraordinário homem da Igreja Romana e congratulou-se pelas palavras de confiança do novo Papa, que afirmou ser seu desejo continuar a obra do seu antecessor.

O Concílio II do Vaticano irá brevemente recomeçar; e a discussão em suspenso dos diferentes temas, terá o seu epílogo, as suas conclusões. Ali continuarão presentes os quarenta observadores, representantes dos vários sectores do Protestantismo. Como anteriormente, estarão ali para esclarecer os padres conciliares dos seus próprios pontos de vista, cooperando assim no movimento de libertação da Igreja Romana, que até aqui havia vivido numa cidadela fechada e inacessível, sem querer ter qualquer contacto com os seus irmãos separados.

A Igreja Lusitana ora pelo Concílio e pelo Papa Paulo VI, para que no seu ministério possa encontrar o fulcro que permita movimentar a acção de justiça de que o Mundo necessita baseada no Evangelho, como o afirmou numa das suas primeiras cartas aos seus fiéis.

Permita Deus que toda a Igreja, em todos os lugares, fiel a Cristo, coopere entre si para um reino de justiça e de amor, que a Humanidade espera.



# NOTAS E COMENTÁRIOS

Paulo Agostinho

## A Bíblia, a Igreja e o livre exame

Sabemos da luta heróica dos Reformadores do século XVI, sustentando o Evangelho como base de todo o movimento da Reforma, e defendendo o livre exame da Bíblia. O monopólio do seu estudo pelos doutores da Igreja e a intolerância da sua interpretação eram contestados pelos Reformadores, que afirmavam ser o Livro dos livros acessível a todos os homens, qualquer que fosse a sua cultura.

Os mais velhos de nós, assistimos às dificuldades que os católicos-romanos tinham ainda há poucos anos, de ler a Bíblia e a proibição de se lerem as edições protestantes, essa ainda hoje mantida. Presentemente a Igreja Romana recomenda a sua leitura e há já edições católicas baratas, acessíveis a todos, e até serviço de colportagem, como nós o temos feito.

Mas se o exame da Bíblia se está difundindo no meio católico, a liberdade de interpretação é ainda limitada pelas autoridades eclesiásticas, através as notas das suas edições, ameaçando com censuras quem com elas não acerte o passo.

Conversando em pleno Chiado sobre o livre exame com uma das melhores mentalidades do nosso País, antigo bastonário da Ordem dos Advogados, espírito liberal de pensador cristão, fiquei surpreendido com o seu ataque, na defesa da doutrina da Igreja Romana, contra o livre exame.

«Um dia, em Hyde Park, dizia-nos então, um dos oradores católicos focou o assunto num nível jurídico e isto no meu espírito impressionou-me. A Bíblia tem passagens difíceis, tal e qual os códigos civis, para as quais é necessário assentar em ideias firmes, senão é o caos. O que aconteceria num tribunal se apenas existissem os dois advogados, o de acusação e o de defesa? Qual das duas interpretações se deveria seguir se não houvesse um juiz para resolver? Assim é com a Bíblia. A Igreja, guardando para si o último juízo sobre os problemas bíblicos, evita a desordem interpretativa que vocês, protestantes, patenteiam a todo o Mundo».

Confesso que fiquei até certo ponto confundido. Não é pois pelo entrechoque das ideias, pela discussão aberta de todos os assuntos, e que este meu distinto amigo tanto defende, como bom democrata que é, que se esclarecem as dúvidas e se facilita a criação do consenso geral? A Igreja Romana, se aceitasse o livre exame, teria um mais simpático papel na orientação geral de toda a cristandade, dando a sua opinião sem timbres de intolerância e de verdade incontestável a travar as veleidades plebeias... com o seu «Roma locuta est.» Nós todos, católicos e não católicos, conhecedores da História da Igreja, sabemos que não existem infalibilidades nem papais nem teológicas. «Vigiai e orai para que não entreis em tentação» — tentação de orgulhos, de interpretações, de falta de fé, de vaidade,

de, de poder e força — disse Cristo aos Seus Apóstolos e o diz igualmente a todos os Seus Sucessores, a todos os homens, a todos os Seus filhos.

A justa interpretação da Palavra de Deus, da qual a Igreja tem uma das maiores responsabilidades, deve ser examinada livremente por todos os crentes e discutida sem receio, nem limites. E o Espírito Santo auxiliará a todos nas dificuldades, e dará à Igreja a grande oportunidade de poder ser a orientadora, numa perfeita cooperação entre o «Laos» e o Clero, isto é, entre o Povo e os doutores da Lei. Não há divisão estanque entre os dois sectores. Há no clero, todavia, na ordem dos valores, maiores responsabilidades na Fé e Ordem da Igreja, pela vocação total das suas vidas, vocação sancionada pela ordenação apostólica. E aqui reside a sua autoridade divina, mas no aspecto humano, no sentido de servir e não de autoridade absoluta sobre os homens. Mas este assunto será tratado noutra ocasião...

## Evangelismo ou Reformismo?

Graças a Deus que, dentro do espírito liberal que nós evangélicos defendemos, cada um procura seguir os ditames da sua consciência e o caminho que lhe parece ser o melhor. A Igreja Lusitana escolheu, para seu distintivo, o pensamento que se supõe ser de Santo Agostinho, resumido na máxima: «Unidade na doutrina básica; Liberdade para duvidar no que é secundário; Caridade, amor, em todas as coisas». Não se pode dizer tanto em tão pouco.

Reconhecemos na Igreja, através a transparência de todo o seu conjunto, o poder de Deus. Por muito paradoxais que sejam por vezes as suas manifestações, e uma delas é estarem os seus filhos divididos, sente-se, todavia, e bem patente, a presença do Espírito Santo. A Reforma do século XVI, a existência de homens de Deus na Igreja, como João Huss, (para citar um dos pre-Reformadores), S. Francisco de Assis, S. Vicente de Paula, S. Francisco Xavier (para citar alguns dos canonizados pela Igreja Romana); Billy Graham, William Temple, João XXIII (para citar alguns dos tempos presentes) — são prova desse poder de Deus, que não abandona os Seus filhos e na magnanimidade do Seu Perdão e Amor, aponta-lhes o caminho, a Verdade e a Vida.

A Igreja é formada sem dúvida por todos os cristãos, os que creram e foram batizados. Na sua evolução desde o Pentecostes, através a experiência do Sacrifício, do Amor e do Martírio, se organizou, e no alargamento da sua acção, se chamou a si própria católica no mais expressivo sentido do Amor em face de todas as raças, de todos os estados sociais, de todas as condições da vida humana. Extraordinária revelação de igualdade num Mundo materialista, grosseiro, egoísta e desumano.

Mas são homens os que a constituem. E muitas vezes erram, se afastam de Deus e mancham a obra da Igreja. Temos de aceitar que ela é susceptível de se corromper, de falhar no cumprimento da sua sagrada missão. Mas pela Providência Divina também é susceptível de se reformar. E todos estes fenómenos ocorrem e se entrecruzam sem relação alguma com o tempo ou com o espaço, isto é, não são exclusivos dum período da História ou dum ponto do mapa. Abrangem todos os sectores e todos os tempos. Os mais puritanos, que assim se julgam hoje incorruptos, olhem e não calam.

O Evangelho é o alicerce da Igreja, e toda a verdadeira reforma visa a volta à doutrina pura de Cristo. As Igrejas Reformadas, assim se chamam não só porque estão ligadas historicamente ao movimento da Reforma do século XVI, mas aceitam que a Reforma é um factor constante da Igreja e afirmam que a Reforma não é exclusiva de uma Igreja, mas de todas.

Que confusão lamentável, que falta de sequência lógica, quando ingenuamente, queremos crer, lançam para a multidão esta frase sonora, mas vazia de qualquer sentido: «Evangelismo ou Reformismo»? Que é que os seus autores entendem por evangelismo «versus» reformismo? Não devem entender nada.

No fundo, talvez o que desejam dizer «tout-court» é que não aceitam a possibilidade ou mesmo a probabilidade da Reforma da Igreja de Roma. Mas isto igualmente não se entende. É preciso uma coarctação completa do pensamento para o afirmar, nesta altura em que um movimento de Reforma abalou o Mundo, prova do potencial evangélico que possui dentro de si. Quem duvida?

O nosso papel é o de, com exemplo, compreensão e amor ajudarmos a eles e a nós próprios.

## A grande imprensa e o público

A missão cultural dos jornais de grande expansão, a chamada grande imprensa, é tão importante na orientação da opinião pública que não deve ser levemente desprezada. A liberdade que ela exige no exercício da sua profissão não pode alhear-se da responsabilidade do seu papel educador e formador da consciência e do bom senso das multidões.

Não é tarefa fácil falar às multidões. Estas têm os seus males próprios e apresentam-se com características especiais. A psicologia das multidões depende, naturalmente, da formação média cultural e moral dos indivíduos, média esta nas multidões anónimas quase sempre inferior, mesmo nos países mais civilizados, quanto mais nos outros menos desenvolvidos. Por isso todo o cuidado é pouco quando nos dirigimos a essas massas sem ideais, sem cultura, sem crença, dispostas sempre a ser movidas mais pelos sentimentos do que por uma razão controlada pelo bom senso e pela fé. Estes são os factos.

Não tem classificação pois uma imprensa que se aproveita da baixa moral dos seus leitores e, com fins lucrativos, explora os escândalos. É um atentado à nobre missão de jornalista, que urge apontar.

(Continua na pág. 10)



# Comunhão dos Santos

Prof. Eurico de Figueiredo

Numa das últimas cartas do falecido prof. Eurico de Figueiredo, que temos em nosso poder, foi focado um assunto que tanto tem sido combatido pela Igreja Reformada.

Mas se é certo que uma das razões para esta atitude tem sido o abuso e a especulação feita pela Igreja Romana, o facto é que na sua essência a oração pelos mortos tem, segundo certos teólogos, fundamento bíblico. A Igreja Lusitana não se pronunciou nunca sobre esta prática, embora repudie de modo formal a doutrina romana do purgatório (artigo XXII dos Artigos de Religião), mas também de maneira alguma impede aos seus membros a livre discussão; e, como até no próprio seio da Igreja Reformada, actualmente, se estuda este assunto (Vidé «L'unité des croyants au ciel et sur la terre», de Pierre-Yves Emery, da Comunidade de Taizé-Verbum Caro, 63), por isso publicamos o seguinte extracto da carta citada, onde o problema é apresentado numa forma séria, franca e simples. E que os leitores aceitando-o ou repudiando-o, o façam em espírito idêntico de tolerância e de amor.

O «Despertar» acolhe todos os assuntos cujo estudo sincero sirva para elevação espiritual da causa de Deus e da sua Igreja.

N. R.

Serão a Terra e o Céu, regiões isoladas, divididas por barreiras impenetráveis e incomunicáveis? Não será o Céu mais um elemento moral do que um lugar no espaço? O Pai que está nos Céus, não está ao mesmo tempo aqui? E não é certo que almejamos uma condição celestial para a vida na Terra quando oramos: «Venha o Teu REINO»?

O mundo invisível está, de facto, entrelaçado com o visível. Deus está perto dos que O invocam em Verdade; mas não é um Deus «só-zinho», «insulado»; não: é um Deus «católico», que está no Universo, que está no Mundo, que está nos vivos e nos mortos — porque para Ele vivem todos. Eis o que escreve S. Judas (Verso 14) —

«Eis que vem o Senhor com milhares dos Seus santos»: — Tudo indica não ser certo que a Igreja triunfante nada tenha que ver com o que se passa aqui na Terra. Que diz a Epístola aos Hebreus (Cap. XII — V. 22 e 23)? Está lá bem explícita a íntima união dos crentes com esse mundo invisível, porém real, e presente, onde estão Deus, os Anjos, os primogénitos, os espíritos dos justos aperfeiçoados. Isto lê-se na Bíblia, pois. E a frase final: «os espíritos dos justos aperfeiçoados» («made perfect» na Standard Version) indica claramente que, no Céu, há «crescimento» espiritual, há «aperfeiçoamento». Julgam alguns: «Fulano morreu, nada temos mais com ele, nem ele connosco; está no Céu, ou no Inferno; acabou-se a questão». Ora isto não é bem assim. O ladrão arrependido foi, naquele mesmo dia, encontrar-se com Jesus no «Paraíso»; mas, evidentemente, o Paraíso não era ainda a suprema esfera espiritual, pois que, três dias depois, dizia Jesus ressurrecto a Maria: «Não me toques que ainda não subi a meu Pai». A oração é o apanágio principal da Igreja. E nada nos autoriza a afirmar que a Igreja está obrigada a desinteressar-se por aqueles que morreram na ignorância, na imperfeição (embora arrependidos e humildes), ou mesmo ainda «em pecado que não é para a morte» — pois só a blasfémia contra o Espírito Santo não tem perdão *nem neste mundo, nem no outro*, segundo disse Jesus. Mas, mesmo neste campo, o nosso juízo é imperfeito, pelas limitações do nosso entendimento, e também porque somos pecadores, e necessitamos também de misericórdia.

A reacção protestante contra abusos criminosos, mutilou, portanto, pelo seu extremismo, a vida cristã de um elemento de piedade que fortalecia a sua fé na imortalidade, e a sua confiança no divino amor. Jesus manda-nos orar, mas não estabelece barreiras à nossa oração. São João apenas esclarece que não vale a pena orar pelos que «pecarem para a morte»; porém não como mandamento, mas apenas como quem opina sobre uma questão difícil.

A oração pelos mortos decorre, naturalmente, desta inter-relação entre o mundo *espacial* e o mundo *espiritual*. Nada há que nos indique que todo o que morreu imperfeito ou incrédulo, vai irremediavelmente para a perdição eterna. «Todo o pecado será perdoado aos homens, mesmo a blasfémia» — disse Jesus. Apenas, como acima o digo, fez uma ressalva quanto à blasfémia contra o Espírito Santo, isto é, a rebeldia consciente e reiterada, que leva o homem a atribuir ao demónio o que é obra de Deus. É claro que todo o pecado traz após si muita dor, muito sofrimento, muita miséria, muita aflicção. «Terrível coisa é cair nas mãos do Deus Vivo», diz a Escritura. Mas daqui até à perdição eterna, vai um grande passo. E não somos nós, pobres pecadores, os que vamos então *decidir* quem é que vai para o Inferno, e quem não vai. Os próprios anjos não se atrevem a pronunciar tais juízos (II Pedro II — v. 11). Há, certamente, «açoi-tes» para os que fazem o mal; «de Deus não se zomba»; e Deus castiga a quem ama. E de certas cadeias não se livrará o homem «até que pague o último ceutil». E é justamente aqui, que entram as orações da Igreja, «remetendo a Ele todas as nossas inquietações» (I Pedro 5-7). Podemos orar, não para vergar às nossas vontades os juízos de Deus, mas para «cooperarmos» com Deus na realização de Seu plano de redenção, pois que é *Ele mesmo* quem nos manda orar. É evidente que isto nada tem que ver com o «mecanismo» das indulgências, com o «número» de missas necessárias para tirar as almas do purgatório, e outras deturpações da sã doutrina. Mas nada nos impede ou proíbe de orar. É que a oração estabelece o *clima*, a *atmosfera espiritual*, na qual agem potências celestiais, e na qual nós próprios devemos viver e agir nos interesses do Reino de Deus, esse que tanto existe *dentro* de nós, como *fora* de nós. Não é, pois, necessário que, para combater Roma, destruamos um tão significativo elemento de piedade que fortalece legitimamente a nossa fé, a nossa esperança, e o nosso amor.

O facto de a Igreja Romana ter tirado dessas verdades ilações erradas, que levaram a abusos *inqualificáveis*, não significa que a doutrina, em si, seja errada. Ela

(Continua na pág. 11)



# Antologia Devocional

## CARIDADE E TOLERÂNCIA

Da superstição, mais do que de nenhum outro perigo, deve tremer, que se lhe não envolva no manto da religião e usurpe o lugar dela no coração do seu pupilo... A miúdo se vai de supersticioso a incrédulo, a verdadeiro religioso jamais.

Porém de que serve a piedade sem a caridade? ou antes, pode aquela existir sem esta? — A religião consta de ambas, e a religião de Cristo especialmente, essencialmente. Quereis que vosso filho seja um bom e verdadeiro cristão? Não lhe ensineis categoricamente os princípios dessa religião, não lhe digais que ela é boa porque é divina, mas que é divina porque é boa.

A caridade é a primeira virtude cristã; e a primeira espécie das muitas em que a caridade se divide, é a tolerância. Maus servidores do altar a que se consagraram, maus zeladores do culto que pretendem defender, quizeram deserdar o cristianismo desta virtude toda sua. Para si a reclamou a filosofia moderna; mas — sem falarmos no mal que a exerceram a máxima parte desses filósofos — ela tão pouco é sua.

Mr. de Chateaubriand diz em sua obra imortal do *Génie du Christianisme*, que nada tinha em comum com os filósofos senão a tolerância. O sentimento é louvável e cristão, mas a expressão é inexacta. A tolerância do cristão é muito mais sublime e filantrópica do que a do filósofo: a do cristão faz parte da sua caridade, a do filósofo da sua indiferença. A tolerância filosófica consiste em não perseguir os que pensam ou obram de outro modo; a cristã vai muito mais além, porque os deve servir, amar e guiar se possível for. Amar o próximo é caridade e é filantropia, e portanto comum ao filósofo e ao cristão; mas amar ainda os próprios inimigos é tolerância transcendente que só tem o cristão, e que o filósofo desconhece.

Almeida Garrett, Século XIX

## DEUS

Quem, dignamente, oh Deus, há-de louvar-te,  
Ou cantar teu poder?  
Quem dirá de teu braço as maravilhas,  
Fonte de todo o ser,  
No dia da criação; quando os tesouros  
Da neve amontoaste;  
Quando na terra nos mais fundos vales  
As águas encerraste?  
E eu onde estava, quando o Eterno os mundos,  
Com dextra poderosa,  
Fez, por lei imutável, se librassem  
Na mole ponderosa?  
Onde existia então? No tipo imenso  
Das gerações futuras;  
Na mente do meu Deus. Louvor a Ele  
Na terra e nas alturas!

Teu nome ousei cantar! — Perdoa, oh Nume;  
Perdoa ao teu cantor!  
Dignos de ti não são meus frouxos hinos,  
Mas são hinos de amor.  
Embora vis hipócritas te pintem  
Qual bárbaro tirano:  
Mentem, por dominar com ferro ceptro  
O vulgo cego e insano.  
Quem os crê é um ímpio! Receiar-te  
É maldizer-te, ó Deus;  
É o trono dos déspotas da terra  
Ir colocar nos céus.  
Eu, por mim, pasarei entre os abrolhos  
Dos males da existência  
Tranquilo, e sem temor, à sombra posto  
Da tua providência.

Alexandre Herculano, Século XIX

# Publicações recebidas

## PRONTUÁRIOS

Foram publicadas, respectivamente, pela «Aliança Evangélica Portuguesa» e pelo «Movimento Promotor de Evangelização» listas de endereços referentes à quase totalidade das confissões cristãs não Romanas em Portugal. De facto, só os «Adventistas» ficaram de fora, já que as chamadas «Testemunhas de Jeová» negando como negam a divindade de Nosso Senhor, não constituem movimento cristão propriamente dito.

Pela nossa parte, julgamos utilíssimos trabalhos de tal natureza. O incómodo causado por dois ou três «indesejáveis» que por causa destes endereços nos procuram, é amplamente compensado pelo serviço incalculável que eles nos prestam.

Estão de parabéns as duas organizações, que são ramos em nosso País de organizações estrangeiras que muito respeitamos, embora distintas da Igreja Lusitana.

### «Obediência mediante o sofrimento»

É este o título dum pequeno opúsculo escrito pelo sr. Jack Wallace, Secretário do Comité da Sociedade Auxiliadora das Igrejas Católicas Reformadas na Península. Este trabalho, é em primeiro lugar, particularmente tocante porque é fruto da longa e dolorosa experiência do autor, e não de confortáveis locubrações de gabinete. Todavia, além da autenticidade de que está impregnado, ele tem ainda o valor de chamar a nossa atenção para o Ministério da Cura Espiritual, baseado no ambiente sacramental da União e da Eucaristia, e que não exclui, antes enquadra e santifica os meios científicos de terapêutica que também de Deus provêm, visto ser ele o autor de «toda a boa dádiva».

Tendo em vista as ideias defendidas, o opúsculo tem importância especial por ser da pena insuspeita dum bem conhecido paladino da corrente «evangélica», dentro da Igreja de Inglaterra.

### Boletim da A. E.

Por gentileza da *Aliança Evangélica Portuguesa*, recebemos na nossa Redacção os «Ecos da Aliança», Boletim Informativo ocasional da mesma Aliança, cujos informes, muito agradecemos, alguns dos quais, com a devida vénia, transcrevemos aqui.

### Concordata e Acordo Missionário, celebrado entre Portugal e o Santo Sé em 7 de Maio de 1940

Art. 21.º — O ensino ministrado pelo Estado, nas Escolas públicas será orientado pelos princípios da doutrina e moral cristã tradicional do País. Consequentemente, ministrar-se-á o ensino da religião e moral católicas, nas escolas públicas e elementares, complementares e médias, aos alunos cujos pais, ou quem as suas vezes fizer, não tiverem feito pedido de isenção, (em requerimento ao Ministro da Instrução).

### «Extracto da Circular nr. A 29/63, da Secretaria do Ministério da Saúde e Assistência

Para conhecimento de todos os serviços do Ministério, a seguir se transcreve o texto de um despacho de Sua Excelência o Ministro:

(Continua na pág. 11)



# PELA IGREJA

## Notícias de Inglaterra

### Bispo Howell

Foi eleito primeiro bispo da nova Diocese Anglicana do Chile e Bolívia, o revd.<sup>mo</sup> Kenneth Howell, cônego da Sé de Southwark, Londres, e dedicado membro do Comité da nossa Sociedade Auxiliadora.

O revd.<sup>mo</sup> Howell, será sagrado na Abadia de Westminster, Londres, na próxima Festa do Evangelista S. Lucas (18 de Outubro).

## Notícias Ecuménicas

### Na coroação de Paulo VI

Três anglicanos, dois ortodoxos russos e um monge da Comunidade Presbiteriana de Taizé, assistiram, em assentos especiais, na primeira fila, junto ao Altar, à cerimónia da coroação do Papa Paulo VI. No dia seguinte, e a pedido do Papa, foram recebidos em audiência privada. Após palavras de alegria por haver agora melhor entendimento entre «irmãos separados», Paulo VI convidou-os a repetirem com ele, de pé, o «Pai Nosso», cada um na sua língua, e despediu-se de cada um em seguida com o «ósculo da paz».

### Observadores Católicos-Romanos na Assembleia Luterana

A Quarta Assembleia da Federação Luterana Mundial, que se reúne este verão em Helsínquia, convidou a Igreja Romana a fazer-se representar. O cardinal Bea, do Secretariado para a Unidade, nomeou um professor de teologia em Roma e um teólogo alemão. É a primeira vez que a Igreja Romana será representada numa Assembleia Luterana Mundial. Doze outras Igrejas foram igualmente convidadas.

### Conferência de Fé e Ordem

Reuniu-se de 12 a 26 de Julho, em Montreal, esta conferência de estudos teológicos relativos à unidade cristã. A Igreja Lusitana foi convidada a enviar um delegado, mas aquele que fora nomeado, foi impedido de ir por motivos alheios à sua vontade.

Tomaram parte, 270 delegados de 138 Igrejas, representando 50 países. A Igreja Romana enviou 5 observadores, havendo ainda 15 convidados e bastantes jornalistas da mesma Igreja. Um deles, o Pe. Braun, enunciou em certa conferência os benefícios do diálogo ecuménico: «Os católicos-romanos libertam-se dos seus preconceitos relativos a outras Igrejas; aprendem a falar aos outros com mais caridade, e fazem novas perguntas, a que Deus dá novas respostas».

No dia 21 de Julho, na presença de cerca de 1.500 pessoas, teve lugar uma reunião de importância excepcional.

Os oradores foram, um pastor da Igreja Reformada da Holanda, um professor de teologia protestante do Canadá, um metropolitano Ortodoxo Grego e um cardinal Católico Romano.

O dr. Visser't Hooft, Secretário do Conselho Ecuménico, disse: «Espero que esta noite estejamos espantados de nos encontrarmos juntos, porque à luz da História, o nosso encontro tem qualquer coisa de surpreendente.»

O arcebispo Católico Romano de Montreal, cardinal Leger, afirmou entre outras coisas, o seguinte:

«Sabemos que os trabalhos de «Fé e Ordem» tem contribuído bastante para espalhar por todo o mundo cristão o desejo da unidade. Esta unidade é um dom de Deus, um fruto da oração mas também um fim para o qual devem tender todos os esforços das nossas vontades purificadas de todo o egoísmo, e esclarecidas pela investigação das nossas consciências sujeitas à fé...

É na verdade e na caridade que devemos prosseguir a tarefa, porque (como disse o cardinal Bea) a verdade sem caridade, torna-se intolerável e repele; e a caridade sem a verdade, é cega e não tem duração».

No início desta reunião histórica, houve leitura da Bíblia, confissão do pecado das divisões e oração pela unidade, em que todos tomaram parte.

### Projectos de União de Igrejas

A Igreja Presbiteriana da Nigéria, vai ser chamada a pronunciar-se sobre um projecto de União das Igrejas Anglicana e Metodista do mesmo país, união que se espera ver realizada em 1965.

Este projecto, fruto do trabalho de trinta anos, encara a unificação do ministério, desde que a união seja proclamada. A nova Igreja terá bispos.

Foi há pouco publicada em Melbourne a segunda parte do Relatório duma Comissão composta por Congregacionalistas, Presbiterianos e Baptistas australianos. Este relatório contém o projecto de união entre essas três confissões. Apesar de nenhuma delas ter governo episcopal, a comissão propõe que a Igreja resultante da reunião proposta, tenha episcopado com sucessão histórica e sugere que se vá buscar a sucessão à Igreja do Sul da Índia. É ainda propósito da referida Comissão que a nova Igreja procure unir-se à Igreja Anglicana da Austrália, no mais curto espaço de tempo.

Continua em estudo, o relatório apresentado por comissão composta de representantes da Igreja de Inglaterra (Províncias de Cantuária e de Iorque) e da Igreja Metodista Inglesa para o estabelecimento de plena comunhão entre as duas Igrejas referidas; será em 1965 apenas que os respectivos Sínodos se pronunciarão definitivamente sobre ele. O projecto apresentado, inclui a sagração de bispos na Igreja Metodista por bispos ingleses, após unificação do ministério por recíproca imposição das mãos.

Entretanto, o novo Presidente da União Congregacionalista, insistiu em que a sua Confissão seja incluída nas negociações conducentes à união entre Anglicanos e Metodistas.

O prof. dr. John Marsh, falando na Assembleia anual da União, notando que os Congregacionalistas não têm bispos e que a Igreja resultante da projectada união será episcopal, disse aos delegados:

«A única possibilidade de se obter unidade eclesial neste país, é a adopção da forma episcopal para a Igreja reunida».

«O nosso dever», continuou ele, «não é opormo-nos à palavra «episcopado» embora no passado se lhe tenha dado muitas ve-

zes um sentido mau; mas sim, tomar parte com outros cristãos na investigação do seu verdadeiro sentido, e no esforço, para que seja incorporado na Igreja reunida, um episcopado verdadeiro, em toda a riqueza e plenitude da sua realidade.»

### Novo Centro Ecuménico

O cardinal Leger, arcebispo de Montreal, anunciou para o próximo mês de Outubro, a abertura dum Centro Ecuménico que será organizado pelo Pe. Beaubien, S. I. presidente da Comissão diocesana de ecumenismo. Este centro permitirá aos Protestantes, Anglicanos, Ortodoxos e Católicos-Romanos de Montreal, estudarem os problemas relativos à divisão dos cristãos, de se familiarizarem com o espírito ecuménico e melhor se conhecerem.

### Marc Boegner, membro da Academia Francesa

O pastor Marc Boegner, destacada individualidade do Protestantismo Francês e figura de grande relevo no Movimento Ecuménico, foi recebido na Academia Francesa em 6 de Junho deste ano, por Wladimir d'Ormesson, antigo Embaixador da França no Vaticano. O pastor Marc Boegner, sucedeu, como académico, a Alberto Buisson e ocupará a segunda cadeira do escritor Protestante Valentin Conrart (1603 1675), que foi o primeiro secretário da Academia Francesa, e, com Richelieu, seu co-fundador.

### Protestante, o Conselho Mundial das Igrejas?

Vê-se com frequência certos jornais portugueses, quando se referem ao Conselho Mundial das Igrejas, chamar-lhe protestante. Claro que podia perfeitamente haver um Conselho Mundial (ou Ecuménico) Protestante, o qual desde que tivesse, como era de esperar, uma finalidade boa, seria, evidentemente muito respeitável.

É porém inexacto, e até de algum modo contraditório ao seu objectivo chamar ao Conselho Mundial das Igrejas uma organização Protestante.

De facto, por definição ele é «Uma sociedade de Igrejas que crêm em Nosso Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, de acordo com as Escrituras e que, portanto, procura cumprir a sua vocação para a glória de Deus, Pai, Filho e Espírito Santo».

São seus membros além da maioria das Confissões Protestantes, Comunhões Católicas, como a Comunhão Católica Ortodoxa, várias outras Igrejas Orientais, a Comunhão Velho-Católica e a Comunhão Anglicana (esta Católica Reformada).

Até à Assembleia de Nova Delhi, em 1961, havia na verdade uma preponderância da influência Protestante. Com a entrada de mais Igrejas Ortodoxas, as duas influências encontram-se equilibradas, como de resto era para desejar, numa organização que tem por desiderato a união de todos os cristãos.

### Conferência de bispos

Há poucos meses, teve lugar em Cuernavaca, México, importante Conferência de bispos e outros representantes de Dioceses Anglicanas da América Latina.

(Continua na pág. 8)



## DR. DOUGLAS WEBSTER

De passagem para o Brasil, vai-nos visitar, em fins de Setembro, o rev. cônego dr. Douglas Webster, «missionário teológico» da Sociedade Missionária da Igreja uma das grandes organizações missionárias da Igreja de Inglaterra.



Dr. Douglas Webster

O cargo de «teólogo missionário» foi criado em 1961 na referida sociedade, com o fim de atender a circunstâncias especiais surgidas nas novas Igrejas da África e da Ásia. A convite dos vários bispos, pertence-lhe dirigir retiros, cursos de aperfeiçoamento e conferências, destinados ao clero e obreiros leigos. Autor de várias obras, merece relevo especial o seu livro «What is Evangelism?»

O ilustre visitante dirigirá, de 22 a 25 de Setembro, conferências especiais destinadas ao nosso clero e pregadores leigos, seguidas de discussão. O programa será publicado a seu tempo.

Até há pouco tempo, o prof. Hans Küng era quase desconhecido, pelo menos nos países onde não se lê alemão. Todavia, ele na Alemanha já não passava despercebido. Natural da Suíça, estudou no Colégio Alemão de Roma para estudantes de teologia e graduou-se na Universidade Gregoriana e na Sorbonne. Fez também estudos complementares em Berlim, Londres, Amsterdão e Madrid. Ordenado sacerdote em 1955 (aos vinte e sete anos de idade), após um período de trabalho paroquial, foi-lhe dada, cinco anos depois, a cátedra de «Teologia Fundamental» na Faculdade Católica Romana da Universidade de Tubingen.

A primeira obra sua que deu brado, foi um livro sobre Karl Barth. O grande teólogo escrevera um trabalho sobre a «Justificação pela Fé», em que atacava o que ele afirmava ser a doutrina tridentina sobre o assunto.

Hans Küng demonstrou que a doutrina exposta por Karl Barth, era exactamente a do Concílio de Trento. O livro foi publicado, tendo à guisa de prefácio uma graciosa carta de Karl Barth ao autor, em que presta homenagem ao modo como Küng interpreta o que escrevera, afirmando que, se Küng é igualmente correcto no modo como entende o ensino de Trento, só lhe resta a ele (Barth) ir em peregrinação a Trento e, na célebre Igreja de Santa Maria, dizer penitente: «Patres peccavi»!...

Hans Küng tornou-se sobretudo conhecido e admirado fora do seu país, pelo livro que escreveu após a convocação do Concílio do Vaticano II e em que dava a sua interpretação do «aggiornamento» que João XXIII desejava com a convocação do Concílio. Esse livro, «O Concílio e a Reunião» considerado pelo arcebispo Fisher como dos livros mais notáveis que lera, teve nas suas respectivas edições alemã e francesa, prefácios dos cardiais, König, arcebispo de Viena e Lienart, bispo de Lille.

Em Dezembro de 1962, Küng que fora dos teólogos que tomara parte no Concílio como perito (ele e outros como ele, contra a vontade da Cúria mas com a aquiescência do Papa...) publicou novo livro — «A Igreja Viva», cuja edição em inglês, tem o «imprimatur» do cardinal Cushing, arcebispo de Boston.

Transcreveremos uma meia dúzia de breves trechos deste último livro:

«A reunião não será levada a cabo por conversões individuais... Os católicos muitas vezes contam apenas as conversões à Igreja Católica e não as numerosas conversões de católicos a outros.

## SINAIS DO

Rev.º bispo

«...quando um católico exagera o valor de conversões individuais em relação à reunião dos cristãos, não estará ele em perigo de esquecer a verdade de que nós, católicos, também, necessitamos de nos convertermos, de constantemente sermos convertidos a Cristo e ao Seu Evangelho, aos quais, nem de longe, **nós ou a nossa Igreja** estamos adequadamente conformados?»

«O único modo pelo qual o Concílio Ecuménico — (Vaticano II) pode dar uma contribuição essencial para a preparação da reunião (dos cristãos) é mediante uma

## «QUAM

Música de L. de Figueiredo



Senhor! amamos o lugar  
Onde a alegria vem de Ti  
Cremos que Tu vens habitar  
Com Tua Igreja, ó Deus, aqui.

O Templo é nosso amado lar  
Onde encontramos servos Teus,  
Que são chamados para honrar  
Ao Deus Eterno. A Ti, ó Deus!

Na Fonte da água baptismal  
A Pomba paira: ao nosso amor  
Recorda a graça, tão real,  
Que assim nos une ao Salvador.



## S T E M P O S

## ORDENAÇÕES

D. Luís Pereira

renovação da Igreja (Romana) em que à luz do Evangelho de Jesus Cristo sejam atendidas as reclamações justas dos outros cristãos».

.....  
«seja o Evangelho de Cristo a decidir, entre os outros cristãos e nós próprios, quais as suas reclamações que são ou não justificadas».  
(Págs. 28, 29, 31 e 32).

«O fim do movimento de renovação litúrgica, é de tal modo remodelar o culto que ele torne a ser outra vez a expressão da adoração de todo o povo na qualidade sacerdotal que lhe pertence».

«Isto, pretende o movimento, podia ser conseguido, reformando a liturgia de modo a ser completamente inteligível por todos, introduzindo a oração e o canto comunitários, a participação comunitária da Festa Eucarística, que incluiria a comunhão em ambas as espécies, tornando pois ao vernáculo como língua litúrgica, suprimindo as «missas privadas».

.....  
«Tudo isto constitui resposta positiva a reclamações genuínas dos cristãos protestantes» (Pág. 204).

«Recentemente escreveu-se muito a respeito de liberdade na Igreja, com frequentes lamentações pela sua ausência. No Concílio porém esta liberdade manifestou-se dia após dia».

.....  
«No fundo todos foram tomados de surpresa pelo grau de liberdade de expressão que existia, mas todos se aproveitaram dela».

.....  
«Para todos os que nele tomaram parte, a liberdade do Concílio constituiu uma grande e decisiva experiência.»

.....  
«Coisas em que apenas se ousava pensar em secreto, partilhadas pela vasta maioria da Igreja; coisas que unicamente de diziam em voz baixa aos amigos íntimos, proclamadas em face da Igreja inteira, sem quaisquer das usuais salvaguardas diplomáticas».

.....  
«Verificou-se assim que a «insignificante minoria» (que era o que se pensava ser a ala progressiva) constituía afinal a esmagadora maioria do Concílio.

Assim começou o Concílio do Vaticano II: um bom começo, melhor do que jamais alguém se atrevera a esperar».  
(Págs. 111, 112 e 113).

«O Concílio convocado por João XXIII não teria sido prematuro? Sem deixar de avaliar, nem por um momento, como teólogo que sou, as tremendas dificuldades e riscos que o Segundo Concílio do Vaticano tem de enfrentar, responderei com inteira convicção que o Concílio não veio demasiado cedo. Pelo contrário. Podemos dizer que veio 400 anos mais tarde do que devia ter vindo. Nessa altura, quando o cisma rebentou, como a cristandade inteira clamava por um Concílio I... Quando finalmente o Concílio de Trento se reuniu, Lutero já tinha morrido e os protestantes não compareceram. As

(Continua na pág. 8)

No dia 31 de Março deste ano, o nosso bispo conferiu as Sagradas Ordens de Presbítero ao rev. Luís Manuel Crespo, na igreja do Salvador do Mundo, Vila Nova de Gaia.

Também no dia 4 do corrente, na igreja do Redentor, Porto, foi ordenado Presbítero o rev. Octávio Guedes Coelho.

Apresentou os candidatos e pregou, em ambas as cerimónias, o rev. dr. Daniel de Pina Cabral.



A entrega da Bíblia a um dos ordinandos.

O Despertar felicita os novos presbíteros e deseja-lhes as maiores bênçãos no seu ministério sacerdotal.

## COMISSÃO PERMANENTE

Reuniu no dia 14 de Julho na Secretaria da Igreja, em Gaia, a Comissão Permanente do Sinodo.

O bispo, que como usualmente presidiu, fez um relatório sucinto da sua viagem ao Brasil e a Moçambique, em visita respectivamente, à Igreja irmã Brasileira e à Diocese dos Libombos.

Tanto numa Igreja como na outra, o nosso bispo verificou a existência do maior interesse e simpatia pelo ramo da Santa Igreja Católica, em que servimos a Deus.

A Igreja Episcopal Brasileira (diz-nos o revd.º bispo) deixa-nos a impressão de Igreja viva e verdadeiramente desperta para os problemas dos nossos dias. Sente-se no seu clero, em especial no seu clero jovem, uma salutar insatisfação com fórmulas rotineiras, tanto na expressão como na prática. A Igreja já felizmente superou praticamente, sem dificuldades, certos preconceitos litúrgicos que noutras partes têm dado celeuma, como, velas, vestes eucarísticas, sinal da cruz, vénia ao altar, etc.

«A Diocese dos Libombos», diz nos ainda o senhor dom Luís, «constitui uma obra de dedicação e sacrifício dum pequeno grupo de missionários europeus (clérigos, apenas 3 — o bispo e 2 presbíteros) e de 24 clérigos africanos, número afortunadamente pequeno para a extensão da obra».

Entre outras importantes decisões, foi resolvido nesta reunião da Comissão Permanente, nomear, respectivamente, párocos das igrejas do Espírito Santo, em Setúbal e do Salvador do Mundo, Gaia, os revs. Octávio Vaz Velho Guedes Coelho e Francisco Venâncio de Oliveira.

## DILECTA»

Letra de Eduardo Moreira



no, Senhor, a habitação da Tua casa,  
o lugar onde reside a Tua glória».  
(Salmo 26,8)

Amamos nós o Teu Altar  
E seu mistério alegrador.  
Por ele vimos-Te adorar  
Até à volta do Senhor.

O Verbo Teu, de intensa luz  
No Livro temos, para amar.  
A excelsa lâmpada conduz  
O seu rebanho, ao Bom Lugar.

E a uma voz, o Eterno Amor  
Que resgatou contritos réus,  
Entoaremos com ardor  
O canto triunfal dos céus!



# SINAIS DOS TEMPOS

(Continuação da pág. 7)

fronteiras haviam-se endurecido e o Concílio sancionou esse endurecimento». (Pg. 44).

E para terminar este trecho de «O Concílio e a Reunião»:

«COMO PODERÃO CATÓLICOS E PROTESTANTES REUNIR-SE? JÁ O DISSEMOS, MEDIANTE UMA RENOVAÇÃO DA IGREJA. Mas isto não significa apenas uma reforma católica, fazendo justiça a tudo o que é válido nas reclamações protestantes. Quer dizer também uma reforma protestante fazendo justiça a tudo o que é válido nas reclamações católicas. Isto não quer dizer, não atender à verdade, ou minimizar as nossas diferenças... mas sim auto-investigação, autocritica, auto-reforma à luz do Evangelho de Jesus Cristo e com os nossos irmãos separados em mente...»

«A REUNIÃO NÃO SERÁ NEM UM «RETORNO» PROTESTANTE NEM UMA «CAPITULAÇÃO» CATÓLICA, mas sim uma aproximação fraterna de ambos os lados, sem qualquer deles estar a contar qual dos dois tem de dar mais passos; será uma penetração mais e mais impregnada de amor e totalmente determinada pela verdade.» (Pg. 145)

As palavras que acabamos de citar, não foram escritas por pessoa irresponsável; são a opinião dum professor de teologia, perito do II Concílio do Vaticano, que obteve o «imprimatur» de três cardiais.

Mais ainda: Elas exprimem o sentir de grande número de bispos, sacerdotes e fiéis da Comunhão Romana.

Alguns entusiastas, talvez com exagero desculpável, chamam a Küng o maior teólogo alemão depois de Lutero... Uma coisa porém é certa. Assim como Lutero o foi na sua época, Küng é nos nossos dias o porta-voz duma corrente viva e forte, já forte de mais para ser detida. Não se trata porém duma corrente do mesmo sentido da de Lutero, nem também em sentido oposto.

É uma corrente para o Evangelho completo, é uma corrente que integrará todos os verdadeiros valores no serviço do Deus vivo. **É um sinal dos tempos.**

Em 1944, um pastor da Igreja Reformada (Presbiteriana) da Suíça, chamado Roger Schutze com mais alguns companheiros, fundou em Taizé, uma comunidade em moldes monásticos. Em 1949 os primeiros sete fizeram votos perpétuos de comunidade de bens, obediência e celibato; todavia continuaram e continuam fiéis à sua tradição Reformada.

Ora muito antes de Küng ter lançado o seu apelo aos cristãos não romanos a que considerassem **à luz do Evangelho** as reclamações válidas de Roma, eles haviam começado a fazê-lo. Na revista da Comunidade, «Verbum Caro», em outros trabalhos de investigação e aprofundamento teológico, eles estudaram, despidos de preconceitos e partindo dos escritos dos Reformadores do século XVI, em particular Calvino, Lutero e Melancton, os principais pontos controvertidos entre Romanos e Reformados. Assim, por exemplo, os trabalhos de Thurian sobre a Eucaristia e a Mãe do Senhor, e o de Yves-Emery sobre a «Comunhão dos Santos», são notáveis; podem não convencer, e naturalmente não convencem, a maioria dos seus leitores protestantes, mas impressionam, pela sinceridade, isenção e estudo aturado e sério que revelam.

Estou certo de que as contribuições dadas pelos teólogos Presbiterianos de Taizé, para uma mariologia bíblica, para o aprofundamento evangélico das implicações da Comunhão dos Santos e para a compreensão reformada da Presença Real e do aspecto sacrificial na Eucaristia, serão muito inspiradoras e benéficas tanto para Reformados como para Católicos-Romanos.

É certo que Taizé representa muito menos o Protestantismo mundial, do que Küng representa a Comunhão Romana; todavia um grupo de filhos espirituais de Calvino, que não renegam o seu mestre, porém que aprofundam o Evangelho «tendo em vista os seus irmãos separados» e que chegam às conclusões que têm apurado é sem dúvida também **um sinal dos tempos.**

Nós, Católicos Evangélicos, ao meditar-nos nestes sinais dos tempos, não podemos deixar de nos alegrar. Nós também não poderemos ficar estáticos. Nós também havemos de aprofundar à luz do Evangelho, tanto no sentido protestante como no sentido católico, qual é a palavra que Deus tem para nós, nestes nossos dias.

Mas uma coisa verificamos: é que tanto Católicos-Romanos como Protestantes estão a valorizar cada vez mais os elementos característicos da nossa posição: liturgia inteligível, simplificada, com grande participação do povo; episcopado histórico; vivência sacramental, mas de piedade cristocêntrica; numa palavra — Verdade Evangélica e Ordem Apostólica.

Em face destes sinais dos tempos, nós, Católicos Evangélicos, continuaremos

a orar, agora com redobrado fervor, nas palavras da nossa Liturgia:

«Que todos os que se dizem cristãos entrem no caminho da verdade e guardem a fé, em unidade de espírito vínculo de paz e perfeição de vida.»

+ Luís, Bispo

Nota — Nas transcrições que fizemos do dr. Küng, os tipos destacado e cheio são nossos.

## PELA IGREJA

(Continuação da pág. 5)

Num dos últimos dias, o bispo Católico Romano local convidou os participantes na Conferência a visitarem a sua Catedral. Foi ele próprio o cicerone, conduzindo-os em seguida à sua residência onde os obsequiou. Antes de partirem, sugeriu que orassem juntos, ao que todos acederam gostosamente. Após ter dado a todos a sua bênção, rogou, perante o espanto de todos, que um dos bispos Anglicanos presentes, lhe lançasse também a ele e aos seus, a sua bênção.

### Notícias de Portugal

Depois de um período de grave enfermidade, encontra-se já em franca convalescência, o bispo resignatário da nossa Igreja, revd.<sup>mo</sup> D. António Ferreira Fianador. Agradecemos a Deus as melhoras concedidas e rogamos-Lhe, favorosamente, se digne completar a cura deste Seu fiel servo.

### II Convenção Portuguesa de Esforço Cristão

De 29 de Agosto a 1 de Setembro do ano em curso, teve lugar no Porto, Vila Nova de Gaia e Aveiro, a 2.ª Convenção Portuguesa de Esforço Cristão e uma Conferência dos representantes da União Mundial de Esforço Cristão (Área II). Pelo programa publicado podia já avaliar-se a projecção que teria esse acontecimento para os «esforçadores» portugueses que tiveram a honrosa visita de eminentes vultos dirigentes do Esforço Cristão de outras partes do Mundo.

### Visitantes

Nestes últimos meses, tivemos entre nós vários visitantes ilustres.

Em fins de Abril último, foi hóspede do nosso bispo, o rev. cónego dr. C. Gray-Stack, neto do bispo Stack da Igreja da Irlanda, o qual foi grande amigo das Igrejas Católicas Reformadas na Península e

(Continua na pág. 12)

### Subscrição para as obras da Catedral

|                                   |           |
|-----------------------------------|-----------|
| Jack Wallace . . . . .            | 800\$00   |
| L. Figueiredo . . . . .           | 500\$00   |
| Sr. Fernando dos Santos . . . . . | 1.000\$00 |
| Cónego Gray-Stack. . . . .        | 400\$00   |
| Total . . . . .                   | 2.700\$00 |



## ... Com Decência e Ordem

Rev. Saul de Sousa

Um Amigo chamou a nossa atenção para o facto de alguém nos haver impugnado, por algo que dissemos, no número 40 deste nosso Boletim, sob o tema «A IGREJA LUSITANA E A SUA IMPORTÂNCIA NA REFORMA RELIGIOSA DO PAÍS».

Julgamos do nosso dever esclarecer o ponto acerca do qual foram suscitadas dúvidas, já pelo respeito que nos merece a pessoa que discordou de nós, já porque as mesmas dúvidas e possível discordância podem ser compartilhadas por outras pessoas com iguais direitos à nossa consideração. Claro está, não podemos ter a pretensão de que outros subscrevam os nossos artigos ou esposam as nossas ideias. Esperar tal coisa seria utopia. Além disso acresce que o direito de dissentir e fazer crítica é apanágio inalienável de todo o ser humano. Assim, cada um é livre para concordar ou não, no todo ou em parte, com o que outrem faça, diga ou escreva. Inquestionavelmente, assiste-lhe esse dever.

No tocante ao artigo, a que acima nos referimos, ou fosse por não termos sido suficientemente claros na sua estrutura, ou por deficiência de interpretação de quem nos leu, o certo é que uma ideia errada desvirtuou o que queríamos dizer. Por causa disso transcreveremos o parágrafo, onde parece ter-se originado a confusão:

«Se todos os evangélicos que têm vindo trabalhar para Portugal se juntassem connosco, se nos ajudassem na obra de reforma, em que estamos empenhados, reforma de harmonia com as tradições do nosso Povo, cuja mentalidade católica, salvo raras excepções, não foi ainda obliterada; se todos procurassem prosseguir o trabalho já iniciado, em vez de abrirem novos trabalhos, que na maior parte dos casos mais confundem do que edificam os que estão de fora; se em vez da dispersão de esforços estes se canalizassem numa mesma direcção, num mesmo alvo a atingir: quanto grande seria o testemunho do Evangelho nesta Terra Lusa!»

A expressão «em vez de abrirem novos trabalhos», deu origem a que alguém interpretasse como se tivéssemos dito que «seria melhor não abrir novos trabalhos»...

Sem dúvida que a frase em apreço, deslocada do contexto, poderia prestar-se a confusões. Advertimos, porém, embora não seja novidade para ninguém, que uma das principais regras de hermenêutica consiste em não se separar o texto do respectivo contexto. Isolando-se qualquer frase ou texto do que precede ou segue, pode-se chegar a conclusões bastante irróneas. Seguindo-se esse critério de interpretação, poder-se-ia afirmar até, que a própria Bíblia nega a existência de Deus. O Salmo 14, verso um, reza assim: «Disse o néscio no seu coração, não há Deus...» Qualquer pessoa que separasse, simplesmente, esta frase «Não há Deus», desrespeitaria, como já vimos, uma regra fundamental de hermenêutica, que consiste em não isolar o texto do contexto, e concluiria, mas erradamente, que a Bíblia advoga o princípio ateu da não existência de Deus.

A frase em questão, que parece ter dado origem a uma interpretação diferente da que lhe quisemos dar, deve, pois, ser analisada na sua relação de conjunto, isto é, tendo em vista o escopo geral do que vinha sendo dito.

Por conseguinte, a expressão «abrir novos trabalhos» não significa, necessariamente, novos lugares de culto. O pensamento que norteava o nosso espírito, o que de facto queríamos transmitir aos nossos leitores, pode resumir-se no seguinte: Teria sido muito melhor para a Causa sagrada do Evangelho em Portugal, pensamos nós, se em vez de uma multiplicidade de «denominações», nos pudéssemos ter encontrado todos numa Igreja Católica Reformada Portuguesa.

Parece-nos não haver nisso a mais leve sombra de ingratidão da nossa parte para com aqueles que, de perto ou de longe, têm procurado ajudar-nos. A todos somos devedores. Todavia para nós não resta

a menor dúvida de que essa ajuda seria muito mais efectiva se em vez de terem estabelecido entre nós as «denominações», existentes nos seus respectivos países de origem, nos tivessem ajudado na obra de reforma do nosso povo, cimentando assim uma Igreja com características próprias, de harmonia com a índole e tradições da nossa gente e, amparando-nos sempre, mormente durante o tempo da nossa «menoridade», nos deixassem, depois, caminhar pelos nossos pés...

Se hoje, em outros lugares, se está procurando a reunião de várias igrejas, será desarrazoado pensa que teria sido muito melhor para a causa Reformada no nosso País se, logo no começo, o mesmo se tivesse feito entre nós?

Em tese, isto era o que pretendíamos dizer no dito artigo. Mas *mutatis mutandis*. Será que todos os lugares de Culto abertos ao público o foram apenas com o louvável desejo de evangelizar? Se assim é por que razão há tanto empenho, por vezes, em abrir trabalho onde já existe outro?

O Apóstolo Paulo apresenta, pelo menos, dois motivos pelos quais ele mesmo não fazia isso (Rom. 15. 20; II Cor. 10. 16). Será que S. Paulo estava enganado?!

Por detrás do louvável desejo de evangelizar esconde-se, muitas vezes, a tentação do relatório estatístico e o quase sempre inevitável «zelo de seita». O mesmo S. Paulo nos diz da motivação que levava alguns dos seus contemporâneos a «evangelizar», motivação que, sem dúvida, em si mesma, nada tinha de louvável. E conclui: «Mas que importa? — contando que Cristo seja anunciado de toda a maneira, ou com fingimento ou com verdade...» (Fil. 2. 18). Isto porém não impede que o Apóstolo se lamente dos que queriam transtornar ou perverter o Evangelho de Cristo e eram inimigos da Sua cruz (Gal. 1. 7; Fil. 3.18).

Como é possível alguém não se aperceber de que às vezes os motivos para «abrir novos trabalhos» são antes frutos da «carne» que do «Espírito»? Mais Como é possível haver quem saiba que as coisas são exactamente assim e pretenda, deliberada e obstinadamente, fechar os olhos à realidade dos factos?



# NOTAS E COMENTÁRIOS

(Continuação da pág. 2)

Pastoreávamos a Igreja Presbiteriana do Salvador, em Montijo, quando, certo dia, soubemos que um grupo «evangélico» procurava o dono da casa em frente da igreja, para que este a vendesse, a fim de ser transformada em lugar de culto. As portas, a da igreja e a da casa a que nos referimos, ficavam mesmo frente a frente! Se o proprietário em questão, que por sinal era nosso Amigo, tivesse consentido na transacção, haveria hoje no Montijo duas igrejas de denominação diferente defronte, bem juntinhas uma da outra.

Há já bastantes anos que a Igreja Lusitana realiza os seus cultos na Amora, numa pequena capela que, embora não muito espaçosa, comporta bem o número de assistentes que ali acorrem, com lugar para mais... Pois apesar da Amora ser um lugar pequeno, apesar de já haver um lugar de culto Reformado, um grupo «evangélico» abriu ali nova casa. Podíamos ainda multiplicar exemplos mas não vale a pena...

Valha-nos Deus, e ainda houve quem se escandalizasse pelo que foi dito acerca de «abrir novos trabalhos»? Em todo o caso, estamos convencidos que bem no fundo todos acabarão por concordar que de facto muita confusão, muita tristeza e escândalo, poderiam ser evitados, se todos procurássemos seguir a verdadeira via de evangelização, baseada no louvável desejo de levar Cristo às almas, num espírito de paz, união e concórdia. E para esta tão magna obra de verdadeira evangelização, para concretização deste desiderato, todos os cristãos juntos, ainda não somos muitos!

Continuaremos a cavar abismos, que cada vez nos separem mais uns dos outros, ou ergueremos pontes de aproximação, que facilitem a nossa reunião em Cristo?

Tolerância e liberdade cristãs não significam que temos de aceitar, em perfeita concordância, as ideias ou sentimentos alheios; mas querem significar que embora discordemos, saibamos conceder aos outros os mesmos direitos que desejamos para nós, no amor e no espírito de Cristo.

Que se abram, pois, novos trabalhos, sem se esquecer a compreensão, a tolerância e o respeito mútuos.

Saul de Sousa

Estamos de certo modo a pensar neste momento no caso Profumo que agitou os restos da Inglaterra puritana da época da rainha Victória! Mas o pior ainda, o que muito nos impressionou e sublinhamos àperamente, foi o requinte mórbido dos relatos de alguns jornais. Como foi possível isto sem uma repercussão da polícia dos bons costumes, que tem como função reprimir todos os actos e muito apropriadamente toda a literatura que ofenda a moral pública? Como se pode pôr na mão de adolescentes, de hoje em dia, um desses jornais chamados da grande imprensa?

Pede-se a liberdade para a grande imprensa. Quem a nega? Mas a liberdade séria do pensamento e da acção, dentro do consenso da moral e dos bons costumes. Não é, certamente, ninguém pensa nisso, liberdade de mentir, de caluniar, etc., ou mesmo de explorar aspectos doentios das vidas das sociedades com fins especulativos, como tivemos a infelicidade de ultimamente verificar.

## Aliança Evangélica Portuguesa

A Aliança Evangélica Portuguesa é um organismo ecuménico que tem por fim fazer contactar os cristãos das diversas facções do protestantismo ao nível exclusivo da sua crença em Cristo como único Salvador e Mestre. Faz parte da Aliança Evangélica Mundial, organismo de doutrina e acção evangélica, que representa apenas os indivíduos, mas não as denominações a que pertencem.

A Igreja Lusitana, considerando este movimento, na sua reunião sinodal de 1954, definiu claramente que qualquer clérigo ou leigo que quisesse pertencer à Aliança o faria a título particular.

Em Portugal esta Sociedade tem porém uma história diferente. Começou no nosso País, no 2.º decénio deste século, por ser «de jure» e «de facto» a representante das diversas igrejas evangélicas portuguesas. Foi seu primeiro presidente o então bispo-eleito da Igreja Lusitana, revd.<sup>mo</sup> Joaquim dos Santos Figueiredo, e seu continuador o cônego Eduardo Moreira, então pastor da Igreja Congregacional. A Aliança Evangélica Portuguesa falava em nome das igrejas, actuava por seu mandato, representava a causa evangélica.

Com o fim de melhor se integrar nos fins e propósitos da Sociedade Internacional, a que está ligada, deixou de ser a representante das igrejas, para ser só um organismo composto de indivíduos. Mas por atavismo, porque figura em seu grupo associativo elementos de todas as igrejas, e porque não há presentemente nenhum organismo próprio que as represente (por dificuldades de vária ordem, não está ainda constituído o Conselho Nacional das Igrejas), a A. E. P. tem tomado ultimamente iniciativas próprias, num trabalho pela causa de todos, que é para louvar. O seu esforçado presidente pastor Guido W. Oliveira tem sido incansável em procurar resolver, segundo as leis do País, os problemas locais que vão surgindo com as autoridades.

Queremos aqui salientar a sua iniciativa especial em muitos sentidos e que é devida à sua boa vontade de servir o evangelismo português com, desta forma, muito lhe fica devendo.

## Nova Igreja de Alcácer

De um interessante artigo intitulado «Iberian Return», da autoria do cônego Gray-Stack, clérigo da Igreja da Irlanda, na Revista «Focus» de Agosto do ano em curso, entre muitas coisas elogiosas que diz acerca da Igreja Lusitana, destacámos algo que se refere ao novo templo de «Cristo Remidor» de Alcácer do Sal, e que não resistimos à tentação de compará-lo com os nossos estimados leitores.

«Devo também mencionar um novo e interessantíssimo templo Lusitano que visitámos em Alcácer do Sal. É uma igreja quadrada, ou melhor, em forma de losango, com o altar de pedra, à maneira de mesa e afastada da parede, num dos ângulos tendo por detrás a cruz. (A Igreja Lusitana determina que o Celebrante officie por detrás da Santa Mesa, sempre que seja possível e esta igreja foi planeada de maneira a facilitar o cumprimento desta rubrica). O telhado da igreja consiste num quadrado, construído de tal forma que os ângulos deste apontam para o centro dos lados do losango. Entre este quadrado e o resto do telhado, estão janelas baixas que deixam entrar luz de forma desejável ao ambiente e clima da região. Duma das paredes parte um triângulo que aponta para fora da igreja e que abriga o baptistério. Todo o conjunto produz um maravilhoso efeito de estrela. Na cave ficam a sacristia e o salão paroquial.

Quero crer que esta igreja seja uma das mais bem imaginadas da moderna arquitectura religiosa europeia, e mostra quão longe está a Igreja Lusitana da mesquinha mentalidade tão frequente nas minorias».

## PREPARAÇÃO PARA O CULTO

(Continuação da pág. 1)

Em segundo lugar, dirigindo-nos para a igreja, façamolo, recordando as leituras do dia anterior e lembrando a nós próprios a santidade e a bondade d'Aquele com quem nos vamos encontrar.

Em terceiro e último lugar, procuremos chegar cedo, de modo a termos tempo para nos concentrarmos antes do culto começar, a fim de nos encontrarmos desde o início, em verdadeiro espírito de oração e de receptividade.

Como os nossos cultos seriam diferentes se todos nos preparássemos bem!

+ Luís, Bispo



## Católico e Protestante

Não estamos tentando combinar duas tradições opostas: duas religiões que mutuamente se excluem. Como os escritores do Novo Testamento, podemos ter, cada um de nós, os nossos modos peculiares de apresentar o plano da Salvação, porém estamos unidos no mesmo Credo, no mesmo Ministério, nos mesmos Sacramentos. Sustentamos a afirmação de que não há conflito essencial entre Católico e Evangélico. Pelo contrário, é quando o melhor do que há em ambos se combina, que possuímos a mais forte expressão do Cristianismo... O espírito da História da Igreja será melhor exemplificado, quando a salvação da liberdade tiver recebido o seu complemento na salvação da unidade.

Bpo. Wand, de Londres (*The Spirit of Church History*)

## REUNIÃO DO SÍNODO

Comunica-se que a Reunião do Sínodo da Igreja Lusitana, terá lugar no dia de Todos-os-Santos, dia 1 de Novembro próximo, em V. N. de Gaia.

### Aviso

A Secretaria da Igreja pede com urgência que lhe sejam enviados alguns primeiros números do Despertar, principalmente o número 1 de que necessita para completar as suas colecções. Em troca dar-se-á uma assinatura anual do Despertar.

### Notícias Paroquiais

#### Paróquia de S. Mateus

#### V Acampamento Rio Tejo

(Continuação da pág. 12)

Nos dias 31 de Agosto e 1 do corrente, patrocinado pela Federação Nacional de Campismo, sob a égide da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, teve o nosso «Núcleo Campista as Sentinelas» o seu V ACAMPAMENTO RIO TEJO, com a participação de centenas de campistas de todas as partes do País.

O acampamento, que decorreu com o habitual brilhantismo e animação, teve como visitantes de honra sua ex.<sup>a</sup> reverendíssima o senhor dom Luis, bispo diocesano da Igreja Lusitana, que no começo do «fogo de campo» deu as boas-vindas a todos os campistas, e sua ex.<sup>a</sup> o sr. dr. Jaime Marques Dias Simão, presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, acompanhado de outras individualidades.

## GRALHAS

Pedimos desculpa aos nossos distintos colaboradores e leitores pelas gralhas saídas no último número do Despertar, motivadas pelo desejo de que o jornal saísse no dia de Pentecostes.

A maior parte delas o leitor as apanhou e corrigiu, certamente, como o título da célebre incíclica «Pacem in Terris». No entanto, desejamos aqui indicar as mais importantes.

No Editorial, no 4.º período e 9.ª linha, antes de «procura», deve omitir-se a conjunção copulativa «e».

No Artigo do rev. cônego Eduardo Moreira, temos de referir as seguintes, dando também para maior compreensão a palavra que vem antes e, algumas vezes, a que vem depois, vindo a palavra corrigida num tom mais escuro. «Ceuta, **Olivença**, o Ulster» Livro de **Marinharia**; «Samuel **Zacuto** sábio»; Paço dos **Estaus**; «alcunha de o doutor Ervas»; «milhares de **criptojudeus**» «o x. v. e o x. n. **marcavam**»; «aboliu, **desapareceram**».

## PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

(Continuação da pág. 4)

...Cumpra aos directores e administradores dos estabelecimentos assistenciais deste Ministério providenciarem no sentido de aos internados ser dado conhecimento de que, *se assim o desejarem*, todas as facilidades serão concedidas no sentido de lhes ser prestada assistência religiosa. Esse conhecimento não poderá deixar de ser dado aos doentes que se encontrem em estado grave, aos quais importa esclarecer, se necessário, que o sacramento da extrema-unção se ministra aos doentes graves e não apenas aos doentes moribundos.

*Se houver conhecimento de que algum internado professa religião diversa da tradicional do País, também deverão realizar-se todas as diligências possíveis para que, se o desejar, seja assistido por sacerdote da religião professada.* 18 de Julho de 1963

(a) Soares Martinez

**Curioso Aspecto Linguístico no Concelho do Txitatu—Angola—Ferreira Martins—ex-missionário em Angola—Edição do Autor (1963)**

Prefaciado pelo rev. cônego Eduardo Moreira, publica o ex missionário Ferreira Martins, um curioso estudo sobre a língua indígena do lugar onde exerceu o seu trabalho. Mostra interesse linguístico e constitui uma importante contribuição para o estudo deste dialecto.

## Comunhão dos Santos

(Continuação da pág. 3)

decorre lógica e naturalmente do *espírito de Comunhão* de que a Igreja dá testemunho—Comunhão que não exclui o mundo invisível, como o vemos no Apocalipse, ao descrever as orações dos santos no Céu (Cap. V, VI, XV, etc.). No Culto a Deus, é ponto de Fé que *a milícia celeste está presente*, unindo os seus louvores aos nossos, como se lê no Prefácio do Serviço de Comunhão da Igreja Lusitana, assim como da Missa Romana, e outras liturgias. Moisés e Elias estiveram com Jesus no Monte da Transfiguração, conversando com Jesus sobre a consumação da redenção humana. Que autoriza, então, a certa corrente protestante, vir agora afirmar que os mortos nada mais tem que ver connosco, nem nós com eles?

No entanto, seja qual for o nosso ponto de vista sobre o caso, não devemos esquecer que devemos ser tolerantes para com os que esposam pontos de vista contrários, estejamos embora persuadidos de que estão errados, ou pelo menos, extremados.

É pela fé e pela oração que as nossas mentes se irão clareando, até que um dia possamos ver as coisas como elas são.

## UM PROFETA

«Ainda haveis de ter uma Igreja vossa, caracteristicamente nacional... assim como houve uma antiga Igreja Espanhola, também existiu a antiga Igreja Lusitana, ambas independentes de Roma; tende pois fé, seja grande a vossa confiança na Providência, e a Igreja Lusitana há-de ressurgir bela e santa para honra e glória de Deus e felicidade deste lindo País.

Angel de Mora, (m. 1876)

Cit. pelo Reved.<sup>mo</sup> Joaquim dos Santos Figueiredo, em «Factos Notáveis da História da Igreja Lusitana» (pág. 44).



# P E L A I G R E J A

(Continuação da pág. 8)

que assistiu a Lord Plunket na Sagração do bispo Cabrera, da Igreja Espanhola.

O cônego Stack, é membro da Comissão de Revisão Litúrgica da Igreja da Irlanda e faz parte do Comité da Sociedade Auxiliadora das Igrejas na Península.

Visitou-nos também em fins de Junho, o cônego J. Satterthwait, Secretário da Comissão das Relações Exteriores da Igreja de Inglaterra. Nessa qualidade, foi quem acompanhou o arcebispo de Cantuária, dr. Fisher, na sua visita a João XXIII, a primeira visita feita por um Primaz da Inglaterra ao Papa, depois da Reforma. O cônego Satterthwait, tomou parte numa celebração cantada da Sagrada Eucaristia na Catedral, confessando-se muito impressionado.

Esteve também em Lisboa numa curta visita, o rev. cônego dr. Almon Pepper, Director do Departamento das Relações Sociais Cristãs, na Igreja irmã nos Estados Unidos da América do Norte, a quem a Igreja Lusitana deve muitos e mui relevantes serviços.

A passar uns dias de férias, com o nosso Director na sua residência de Verão, na Eugaria (Colares), tem estado em Portugal o sr. Jack Wallace, Secretário da Sociedade Auxiliadora, pregador leigo da Igreja de Inglaterra e distinto solicitador em Londres.

Foi convidado a pregar na Catedral no domingo 18 de Agosto.

## Igreja de S. Paulo Estoril

Esta igreja que por ser uma capelanía inglesa está sob a jurisdição do bispo de Gibraltar, abriga uma florescente e interessante congregação, que mesmo em dias normais é demasiado grande para o templo, coisa não muito frequente nos nossos dias, e que torna urgente a sua ampliação. Estão arrolados como membros da Paróquia, representantes de 25 nacionalidades diferentes, e é seu reitor, o rev. John Humphreys, espírito de largueza ecuménica e de surpreendente simpatia e dinamismo.

O nosso bispo foi convidado a pregar ali no domingo 11 do corrente, dando-se assim mais um passo no estreitamento das relações entre a Igreja Lusitana e a Província de Cantuária, à qual a Diocese de Gibraltar pertence.

## 60.º Aniversário da Liga de Esforço Cristão de Gaia

Para celebração do 60.º Aniversário desta Liga, fundada a 9 de Maio de 1903, realizaram-se sessões especiais no Torne.

Dia 7 sessão solene para distribuição de prémios aos jovens que tinham sido confirmados e admitidos à Sagrada Comunhão no Domingo de Páscoa.

No dia 8 houve uma festa com um lindo e mimoso programa em que foi representada a peça «Cinco minutos de Felicidade» e o episódio dramatizado «Evocando uma data», originais do rev. Agostinho Arbiol, assim como um lindo acto variado, original de um grupo de jovens.

No dia 9 culto de Acção de Graças. O episódio dramatizado refere-se à fundação da 1.ª Sociedade de E. C. no Mundo pelo dr. Francis E. Clark, em 2 de Fevereiro de 1891.

## Concursos Bíblicos

Têm sido realizados com grande animação e entusiasmo os concursos bíblicos sendo a distribuição de prémios em dia a anunciar, após a época dos exames, os quais têm trazido os nossos jovens muito ocupados. Os principais prémios são a inscrição de dois jovens no Acampamento bíblico a realizar no Norte.

## Notícias Paroquiais

### Igreja de S. João Evangelista Retiro da Juventude

Realizou-se na Semana Santa, de 5.ª-feira a sábado, um retiro espiritual promovido pela Secção de Jovens anexa à Liga de Esforço Cristão de Gaia.

Abriu com a celebração da Sagrada Eucaristia, na 5.ª-feira, às 8.30h.

Deste retiro que deixou indeléveis recordações em todos os participantes, tanto jovens como adultos, constou de horas da oração, estudo bíblico, leitura de trechos escolhido da Vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, meditação e descanso. As refeições foram servidas na Cantina.

### Cultos especiais da Semana Santa

Houve cultos especiais todos os dias da semana Santa, sendo as mensagens subordinadas a títulos bem sugestivos que a todos agradou. A igreja repleta todas as noites. No sábado houve um bom número de Confirmações e no domingo de Ramos houve mais duas.

### Paróquia da Catedral de S. Paulo Lisboa

#### Externato Evangélico Lusitano

A escola primária anexa à Catedral, com tradições e marcado prestígio, no sítio de Santos, está atravessando uma crise, que a Junta Paroquial procura resolver.

A instrução esteve sempre ligada à obra da Igreja Lusitana. Lembramos com saudade dois insígnies e devotados professores das nossas escolas em V. N. de Gaia, os revs. Cassels e José Bonaparte. Ambos foram consagrados e perpetuados, para memória das gerações futuras, em dois monumentos, o dedicado ao rev. Cassels numa dos principais jardins públicos desta cidade nortenha, e o erecto em homenagem ao rev. Bonaparte, no cemitério onde jaz sepultado.

A dificuldade presente desta escola, está na falta de professora. Pensa a Junta Paroquial ser uma desvantagem a encarregada da educação dos nossos alunos não estar integrada na obra evangélica, por que lutamos. Ou, pelo menos, não ser simpatizante pela reforma da Igreja. E um ponto essencial que deve merecer a atenção do Sínodo da Igreja.

Todos os domingos se anuncia na nave da Catedral a necessidade duma professora evangélica, pedindo aos membros da igreja o seu interesse. Este pedido é extensivo a todos os membros da Igreja Lusitana.

## Primeiro Aniversário da Sagração do bispo Pereira

Nesta Catedral efectuou-se no dia 24 de Junho, 1.º aniversário da sagração do 2.º bispo da Igreja Lusitana, D. Luís Pereira, uma festa íntima, simples, mas significativa do grande afecto do povo pelo seu bispo. Assistiram muitos membros da Igreja Lusitana e bastantes amigos do illustre antiste.

Alguns dos presentes, em breves discursos, elogiaram o bispo Pereira, desejando-lhe um longo pastorado, a que o homenageado agradeceu. No fim a sociedade de senhoras ofereceu um esplêndido chá a todos os assistentes, o qual decorreu em plena alegria e espírito de confraternização.

## Obras da Catedral

Estão findas as obras da 1.ª fase do arranjo da Catedral. E em breve contamos, se houver entusiasmo de todos os membros, recomeçar a segunda fase que consta do arranjo do coro, devolvendo-o á sua traça primitiva. O templo ficará mais amplo, com outras dimensões, e digno da sua história e antiguidade. Foi inaugurado em 1611, como Igreja do Convento de Nossa Senhora dos Remédios.

Até aqui foram abertas as capelas laterais e devidamente beneficiadas. Uma servirá de baptistério. Outra de capela para as crianças da E. D. A 3.ª será chamada de S. Lucas, e é dedicada aos médicos e aos de profissões para-médicas. A 4.ª possivelmente, será destinada a uma capela dos escoteiros e guias dos grupos da Igreja Lusitana. Foi também aberta a capela situada ao nível da rua, mesmo em frente da porta principal e estendendo-se por debaixo do adro da Igreja. Tem por orago o apóstolo S. Barnabé e destina-se a pequenos cultos de evangelização e comunhões matutinas diárias.

Numa 3.ª fase arranjar-se-á o presbitério da igreja, procurando-se provavelmente seguir a sugestão do falecido architecto Emílio Lino, que tão bem estudou a decoração da igreja.

Para toda esta obra necessita-se de meios financeiros. Ao contrário do que muita gente pensa, o dinheiro não nasce por geração espontânea. De onde virá? Certamente dos fiéis, que se queixam tantas vezes de que não se faz isto ou aquilo, nem se paga devidamente aos pastores (pois estes para se dedicarem ao serviço da Igreja, de modo algum poderão ocupar trabalhos seculares, principalmente em «full-time»).

E pergunto: os fiéis desejam dar voluntariamente, ou necessitam em troca de uma retribuição palpável como os que davam para a construção da Catedral de S. Pedro em Roma, através os «benefícios» das indulgências, que tanto indignou Lutero e toda a geração dos Reformadores do século XVI? Esperamos que 400 anos de educação da Igreja Reformada tenha modificado o espírito interesseiro das geração de antanho e criado um espírito de gratidão para com Deus, dando as suas ofertas com «reverência e temor piedoso».

Que glorioso o trabalho na obra feita à custa da dedicação, amor e sacrifício dos seus membros!